

A FORMAÇÃO DA COLUNA MIGUEL COSTA - PRESTES: CONFLITOS E (RE)CONSTRUÇÕES EM MARCHA.

Maria Clara Spada de Castro

Mestranda em História pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

Orientadora: Edilene Toledo

Palavras-chave: História do Brasil República; Tenentismo; Coluna Miguel Costa - Prestes

Resumo: Este trabalho visa compreender como se deu a formação da Coluna Miguel Costa - Prestes a partir do encontro da Coluna Paulista com a Divisão Rio Grande em abril de 1925. Com este encontro, permeado de conflitos, houve divergências com relação ao futuro da marcha e à estratégia de combate, para além do desafio da deserção e das condições impostas em meio à guerra de movimento, como falta de víveres e armamento, por exemplo. Nossas fontes, principalmente correspondências trocadas entre os combatentes, apontam ainda para conflitos internos que dão pistas sobre os desacordos e negociações perante as posições a serem tomadas e as dificuldades na construção de uma liderança coletiva.

Palabras claves: Historia de Brasil República; Tenentismo; Columna Miguel Costa - Prestes

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo comprender como ocurrió la formación de la Columna Miguel Costa - Prestes de la reunión de la Columna Paulista con la División Rio Grande en abril de 1925. En esta reunión, permeada por conflictos, hubo desacuerdos sobre el futuro de los viajes y la estrategia de combate, además del reto de la desertión y las condiciones impuestas en medio de la guerra de movimiento, tales como la falta de alimentos y armas, por ejemplo. Nuestras fuentes, principalmente la correspondencia intercambiada entre los combatientes, siguen apuntando a los conflictos internos que dan pistas sobre los desacuerdos y las negociaciones antes de las posiciones que deben tomarse y las dificultades en la construcción de un liderazgo colectivo.

Na região das Missões, noroeste do estado do Rio Grande do Sul, em 1924, formava-se um pequeno núcleo conspiratório, tendo Luiz Carlos Prestes em Santo Ângelo, com o Batalhão Ferroviário; João Pedro Gay em São Luiz Gonzaga, com o 3º Regimento de Cavalaria Independente; Aníbal Benévolo em São Borja, com o 2º Regimento de Cavalaria Independente, além do 5º Regimento de Cavalaria Independente de Uruguaiana e Siqueira Campos no Uruguai, que fazia a ligação com os militares exilados envolvidos nos levantes de 1922.¹ Para além da questão geográfica que os aproximavam, muito destes indivíduos tiveram sua formação principal na Escola Militar do Realengo e já se conheciam do período de sua formação inicial no Rio de Janeiro.

Em contato com o levante de julho de 1924 em São Paulo, ao amanhecer de 29 de outubro do mesmo ano, as guarnições gaúchas se levantaram, sendo apoiados logo em seguida por soldados revoltosos do 3º Grupo de Artilharia a Cavalos, localizado em Alegrete, comandado pelos tenentes João Alberto Lins e Barros e Renato da Cunha Melo. No dia 9 de novembro o 3º Batalhão de Engenharia, de Cachoeira do Sul, sob o comando do Capitão Fernando Távora também aderiu ao movimento, além das forças civis maragatas, como as de Honório Lemes, Zeca Neto, Leonel Rocha e Júlio Barros.

Com a formação da Coluna Rio Grande, a partir da junção dos corpos mencionados acima, Prestes assumiu seu comando e tinha como fim encontrar a Divisão São Paulo, formada pelas tropas revoltosas do estado de São Paulo, que marchava, inicialmente, em direção à Foz do Iguaçu, no Paraná.

Os revoltosos gaúchos permaneceram na região missionária por quase dois meses enfrentando tropas legalistas compostas por cerca de dez mil homens. Em dezembro, conseguiram romper o cerco das forças governistas, mas sofreram a deserção de forças, principalmente daquelas lideradas por maragatos. Seguiram então com cerca de dois mil homens, mal armados e mal municiados, para se incorporarem à Divisão São Paulo, que os esperavam na região do Alto Paraná, entre a Foz do Iguaçu e Catanduvas.²

Somente em março de 1925, depois de intensos combates, que a Coluna Rio

¹ REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 39.

² BASTOS, Abguar. *Prestes e a revolução social*. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 119 e 120.

Grande chegou à cidade de Barracão e abriu caminho para Iguazu. No início do mês seguinte, já estava entre o Catanduvas e Santa Helena. Por fim, as duas colunas conseguiram se unir em 11 de abril de 1925. Segundo Moreira Lima, os paulistas contavam com mil trezentos a mil e quatrocentos homens e os gaúchos com oitocentos.

No dia seguinte ao encontro, 12 de abril de 1925, reuniram-se Prestes; Bernardo de Araujo Padilha, tenente-coronel responsável pelo levante da cidade de Rio Claro em São Paulo; Miguel Costa, comandante do Regime de Cavalaria da Força Pública do Estado de São Paulo e que também compôs a liderança do movimento na capital paulista; Mendes Teixeira, major reformado que auxiliou no movimento da capital paulista e da cidade de Bauru; Álvaro Agrícola Soares Dutra, capitão do 6º Regimento de Infantaria de Caçapava que auxiliou no levante desta unidade; Luiz Delmont, capitão da 3ª Divisão de Infantaria de Porto Alegre; Asdrubal Gwayer de Azevedo, 2º tenente da Força Pública de São Paulo; e outros, que definiram que não emigrariam e seguiriam para o Mato Grosso, se necessário através do território paraguaio, para dar continuidade ao movimento, na intenção de chegar à capital federal e destituir o presidente Arthur Bernardes.

As forças foram organizadas e criou-se a 1ª Divisão Revolucionária, comandada por Miguel Costa e dividida em Brigada "São Paulo", comandada por Juarez Távora e "Rio Grande", comandada por Luiz Carlos Prestes. Ficou também acordado que o marechal Isidoro Dias Lopes, principal liderança do movimento em São Paulo, seguiria para Argentina devido à sua avançada idade ³, e de lá, como chefe supremo da revolução, organizaria uma rede de apoio externo às operações.

O encontro da Coluna Paulista com a Divisão Rio Grande foi permeado de conflitos, pois havia divergências, primeiramente, com relação ao futuro do movimento. Alguns preferiram o exílio como Olinto de Mesquita, comandante do 2º Grupo de Artilharia da Montanha de Jundiaí; Newton Estillac Leal, que se envolveu com o movimento em 1922 apoiando-o na Vila Militar, ajudou a levantar São Paulo e seguiu o movimento pelo interior do estado; João Cabanas e Alfredo de Simas Enéas, ambos da Força Pública de São Paulo; Filinto Muller, pertencente ao Grupo de Quitaúna, que sublevou São Paulo; e Álvaro Agrícola Soares Dutra, do Regimento de Infantaria de

³ LIMA, Moreira Lourenço. *A Coluna Prestes: marchas e combates*. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1979, p. 113-115.

Caçapava, enquanto outros defendiam a continuidade do movimento⁴.

Em pouco tempo, a coluna foi se organizando em flancos, em pequenas colunas ramificadas que seguiam a quilômetros da principal em diversas direções, a fim de identificar e despistar tropas inimigas, além de cobrir um maior perímetro. Havia ainda as potreadas, que eram grupos ainda menores montados a cavalo com a finalidade de desbravar os caminhos, mapear a região e colher informações, como condições geográficas, possibilidades de abastecimento de víveres e posicionamento de tropas legalistas.

Segundo José Augusto Drummond,

O conceito tático-estratégico de guerra de movimento parece ter sido ousado demais para a maioria dos oficiais rebelados em São Paulo. Tudo indica, portanto, que a junção de forças precipitou uma divergência insuperável quanto à opção entre a guerra de posição e a guerra de movimento; ou seja, uma divergência militar⁵.

Supomos que os militares formados na Escola Militar do Realengo tiveram instrução acerca da tática de guerra de trincheira, característica, inclusive, da Primeira Guerra Mundial que havia terminado há poucos anos. A estratégia de guerra de movimento era bastante utilizada nos conflitos armados no sul do Brasil, o que garantia, por exemplo, a resistência das forças de Assis Brasil frente às governistas de Borges de Medeiros.

Inicialmente, a Coluna, após a junção de forças paulistas e gaúchas, foi organizada da seguinte maneira⁶: chefe supremo da Revolução marechal Isidoro Dias Lopes; comandante general de brigada: Miguel Costa; Estado Maior: major Coriolano de Almeida Jr. (da Força Pública de São Paulo), capitães Djalma Soares Dutra (carioca, cursava a Escola Militar quando se envolveu no levante em 1922), Lourenço Moreira Lima (civil, paraibano, cursou a Faculdade de Direito do Ceará e foi advogado de defesa dos implicados em 1922, mais tarde vai ser nomeado secretário da Coluna) e Alberto Costa (carioca, ex-aluno da Escola Militar, expulso por conta do levante em 1922); chefe do corpo de saúde: 1º Tenente dr. José Athayde; e encarregado do material bélico: tenente Raff.

⁴ DRUMMOND, José Augusto. *O Movimento Tenentista: a intervenção política dos oficiais jovens (1922-1935)*. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 120.

⁵ *Ibidem*, p. 127.

⁶ Boletim nº 1. Santa Helena, 14 de abril de 1925. CEDEM/UNESP.

Da Brigada "Rio Grande": comandante coronel Luiz Carlos Prestes; Estado Maior: formado por major Paulo Kruger (do regimento de São Luiz Gonzaga, cursou a Escola Militar do Realengo junto com Juarez e Fernando Távora), capitão Ítalo Landucci (civil, um dos organizadores do Batalhão Italiano em 1924 em São Paulo) e os tenentes Sady Valle Machado e Nicacio Costa; 1º Batalhão Ferroviário liderado pelo tenente-coronel Oswaldo Cordeiro de Farias (pertencente a esquadrilha de Santa Maria); 2º Regimento de Cavalaria liderado pelo tenente-coronel João Alberto, da cidade de Alegrete; 3º Regimento de Cavalaria liderado pelo tenente-coronel Siqueira Campos (liderança do Forte de Copacabana em 1922) e 1º Esquadrão de Cavalaria Independente comandado pelo Capitão Ary Salgado Freire (de São Luiz Gonzaga).

A Brigada "São Paulo" com o comandante tenente-coronel Juarez Távora (liderança de 1924 em São Paulo); Estado Maior: major Aldo Mario Geri (correspondente italiano do Banco Itálo-Belga em São Paulo, um dos organizadores do Batalhão Italiano, escrevia para o jornal Il Piccolo e para o argentino La Nación), juntamente com os tenentes Mario e Morgado; 2º Batalhão de Cavalaria liderado por major Manoel Alves Lyra; 3º Batalhão de Caçadores comandado por major Virgílio Ribeiro dos Santos (tenente de Rio Claro), Batalhão de Artilharia Montada liderado pelo capitão Henrique Ricardo Hall (participou do levante da Escola Militar do Realengo em 1922 e em São Paulo em 1924); 2º Esquadrão de Cavalaria Independente comandado pelo capitão Jorge Danton (da Força Pública de São Paulo).

Em carta ao deputado Baptista Luzardo, o general Miguel Costa explica a então organização da Coluna:

(...) Estabelecida a ligação tática entre as columnas "Paulista" e "Rio grandense", formou, com ellas, o Sr. Marechal Isidoro, a Divisão "São Paulo - Rio Grande", sob o commando immediato do Sr. General Padilha.

Aggravado, infelizmente, o estado de saúde desse velho luctador, que durante 10 meses consecutivos, emprestou á causa revolucionaria o brilho do seu talento e a fortaleza do seu carater, coube-me a responsabilidade do Commando da Divisão.

Esta ficou então constituida por duas Brigadas, respectivamente commandadas pelo Tenente Coronel Juarez Tavora e Coronel Luiz Carlos Prestes.

Assumindo o commando immediato das forças revolucionárias, numa phase delicada da campanha resolvi, de accordo com o Marechal Isidoro, abandonar a margem esquerda do rio Paraná e invadir, sem perda de tempo, o Estado do Matto Grosso.

Ordenei, então, o recuo lento do Destacamento "S. Paulo", de forma a cobrir o escoamento da Brigada Rio Grandense, cuja vanguarda transpunha, então, em canôas, o Rio Iguassú.

Iniciada a 30 de março, somente a 26 de abril se concluiu essa delicada operação, ficando concentradas nas cercanias de Guahyra, Porto Mendes e São Francisco, todas as forças revolucionarias.

E, enquanto o general Rondon, illudido por uma falsa manobra, atirava o grosso de suas forças sobre Iguassú e Santa Helena, em perseguição a pequenas patrulhas nossas - a Divisão Revolucionaria, concentrada a 20 leguas de distancia, dirigia-se, a 27 de abril, a marchas forçadas, sobre Matto Grosso. (...)

A 7, enquanto o Regimento João Alberto occupava "Patrimonio da União", após curto combate na ponte do rio Parahy, o Batalhão Virgilio occupava, sem resistencia, o Porto Felicidade, no Rio Amanhay.

A 8 o Batalhão Virgilio entrava em Capanario, sede da Administração da Empresa Matte-Laranjeira em Matto Grosso.

A 9, a ponte Superior do Amambay, abandonada pelas forças governistas do Coronel Mario Gonçalves, foi [ilegível] por nossa tropa.

Ponta-Porã, abandonada a 8 pelas forças do Coronel Pericles de Albuquerque, foi occupada por Siqueira Campos e João Alberto no dia 10.

Nos dias 13 e 14, enquanto o grosso das forças Revolucionarias se deslocava em direcção ao Patrimonio de Dourados, - via Campanario, - os regimentos Siqueira Campos e João Alberto, combatiam, como flanco guarda esquerda da columna; contra todas as tropas governistas, concentradas nas cabeceiras do rio Appa.

Attravesado o rio Dourados, a 20, foi, nessa mesma data, occupada, após ligeiro combate, a "Patrimonio de Dourados", cuja estação telegrafica foi inutilizada. (...)

A 31 foi feita uma demonstração de força sobre a [ilegível] de "Rio Pardo", na E. F. [Estrada de Ferro] Noroeste do Brasil, tendo sido destruida, em pleno combate, o aparelho telegraphico da Estação.

O fim dessa demonstração, que era obrigar o governo a concentrar naquelle ponto extrategico um grande contingente, desguardecendo as demais estações entre Rio Pardo e Campo Grande (...)

Ao completar-se, assim, o 34º dia de nossa marcha passa a Norte, os bravos soldados da Revolução - alguns dos quaes vêm desde Catanduvás e Contestado a pé - já percorreram, - expugnando trincheiras, transpondo rios e (...) pantanos e areias - mais de 1000 kms!

Testemunhas quotidianas dessa energia inquebrantavel que anima os soldados gloriosos da liberdade - nós os officiaes da Revolução sentimos um indizível orgulho de dirigir um punhado de brasileiros que são dignos - valentes da roça generosa dos retirantes de Laguna!

E não devemos por isso da veracidade desta [ilegível] feliz de Arthur [ilegível], endereçada ao povo de nossa Patria: "A revolução brasileira poderá nao ser victoriosa; mas será invencível. 7

Na carta acima podemos notar os avanços da marcha e a sua multifacetação quando Miguel Costa cita os regimentos de João Alberto e Siqueira Campos, que seguiam em separados, por exemplo. Temos a impressão, nos escritos do general, que os avanços das tropas revoltosas aconteciam sem grandes embaraços, enfrentando poucos conflitos com os legalistas citados. Contradizendo isto, Henrique Ricardo Holl, que participou do levante da Escola Militar do Realengo em 1922 e em São Paulo em

⁷ Carta de Miguel Costa para Baptista Luzardo. Fazenda "São Romão" (Estrada de Mato Grosso), 2 de junho de 1925. CPDOC, fundo Juez Távora. JT dpf 1924.05.10, p. 245-249.

1924, a situação era desesperadora já que o grupo comandado por Estillac Leal estava sem munição e sitiado por forças muito superiores⁸.

Em maio, as brigadas São Paulo e Rio Grande se reuniram na cabeceira do rio Camapuã, após atravessarem o rio Pardo. Lá reorganizaram a Coluna, pois havia entre elas certa rivalidade e disputa. Para Drummond estava em questão embates regionais⁹. Segundo Juarez Távora em suas memórias,

enquanto grande parte da Brigada "Rio Grande" estava montada, a quase totalidade da Brigada "São Paulo" se deslocava a pé, e, por isso mesmo, tinha dificuldade de afastar-se do itinerário de marcha, para potrear animais de sela, nas estâncias circunvizinhas de seu itinerário de marcha. Algumas praças carregavam arreios, à cabeça, com a esperança de obter, mais adiante, um animal para arrear e montar.

Esse fato começou a despertar animosidades entre elementos das duas Brigadas, pois os gaúchos, já relativamente bem montados, e marchando na vanguarda, obtinham, graças às suas potreadas, cada vez mais cavalos, enquanto os paulistas, desprovidos de cavalos e impossibilitados de arrebanhá-los longe de seu eixo de deslocamento, raramente conseguiam novas montarias¹⁰.

Em bilhete não datado de João Alberto a Luiz Carlos Prestes, o primeiro já alertava para a existência das rivalidades entre as tropas: "Cada vez mais sentimos a rivalidade da tropa de S. Paulo para conosco de maneira que torna-se necessário muita preocupação para não cahimos em algum buraco"¹¹.

Buscando a resolução dos problemas, as duas brigadas foram fundidas e a partir delas foram formados quatro destacamentos mistos sob o comando de Miguel Costa, tendo como chefe do Estado Maior Prestes; subchefe do Estado Maior Juarez Távora; secretário Moreira Lima. Estado Maior formado pelos majores Paulo Kruger e Geri, capitães Costa e Landucci, tenentes Sady, Nicacio e Morgado. Piquete do Quartel General tenente Hermínio (vindo do movimento de São Paulo); chefe do corpo de saúde continuava a ser o dr. Athayde. O 1º Destacamento era liderado por Cordeiro de Farias, tendo como fiscal Virgílio dos Santos, o 2º Destacamento por João Alberto, e fiscal major Manoel Lira, o 3º Destacamento por Siqueira Campos, e fiscal Trifino Correia

⁸ Telegrama de Henrique Ricardo Holl para Alfredo de Simas Enéas, 30 de março de 1925. Arquivo Público do Estado de São Paulo, conjunto documental Cartas da Revolução de 1924, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

⁹ DRUMMOND, *op. cit.*, p. 131.

¹⁰ TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas: memórias*. Vol. 1 - Da planície à borda do altiplano. Rio de Janeiro: Editora do Exército, 1973, p. 180.

¹¹ Bilhete de João Alberto Lins de Barros para Luiz Carlos Prestes. CPDOC, Fundo Sady Vale Machado. SVM/00.00.1924/1927/21.

(ex-aluno da Escola Militar, expulso em 1922); o 4º Destacamento liderado por Djalma Dutra e fiscalizado por Ary Freire¹².

Podemos notar ao compararmos as lideranças presentes nos dois momentos, de organização e reorganização das forças, que elas se mantiveram com poucas mudanças, sendo elas a saída de Raff, Jorge Danton, Henrique Ricardo Holl (envolvido desde 1922 que seguiu para o Paraguai em abril, devido a seu estado de saúde) e de Coriolano de Almeida Jr. (capitão da Força Pública de São Paulo, que abandonou a marcha em maio em Ponta Porã), e a inclusão de Hermínio e Trifino. Dessa maneira, vemos que o comando da Coluna não estava restrito a Prestes ou a Miguel Costa, muito menos a Isidoro, e sim que este era construído coletivamente.

As correspondências nos dão indícios de como era construído o comando da Coluna, por exemplo, este bilhete do coronel João Francisco que estabelecia as deliberações sobre as forças sob seu comando, que deveriam ser definidas por um conselho formado por ele e mais dois, havendo suplentes:

Conforme resolução tomada hontem pelos senhores Generaes Bernardo Padilha, Olyntho Mesquita e Ten. Cel. Newton Estillac, em conselho com a minha pessoa, ficou resolvido que enquanto estiverem separados das demais forças que, sob o Commando directo do Exmo. Senhor General em Chefe, operam no Norte, esta Colmna do Sul, agora [ilegível] com a Bda. do General Padilha e outros elementos, continue sob o meu Commando, mas sempre que for mister resolver casos importantes serão as deliberações tomadas por um conselho de guerra constituído pelos tres Generaes, - João Francisco, Padilha e Mesquita - tendo estes como suplentes e, caso de ausência os Snrs. Cel. Mendes Teixeira, Estillac e Juarez Tavora. (...)

Os actos mais importantes inclusive promoções serão sempre resolvidos pelo Conselho, e publicados em Boletim e registrados em actas.¹³

Em 1924 na cidade de São Paulo, Isidoro Dias Lopes sem saber do abandono do palácio dos Campos Elíseos pelo governador do estado e observando com apreensão os acontecimentos desfavoráveis à revolta, o general decidiu retirar suas tropas para Jundiá. O coronel Miguel Costa, por sua vez, ainda acreditava na possibilidade de sucesso do movimento e se recusou acatar a ordem do general, que indignado, afastou-se do comando¹⁴. Esse conflito inicial foi resolvido quando se descobriu a fuga do presidente de estado, Carlos de Campos, para Quitauína, o que, inclusive, deu um novo

¹² LIMA, *op. cit.*, p. 150-151.

¹³ Ordem do Dia nº 17 assinada por general João Francisco de 3 de outubro de 1924. CPDOC, Fundo Juarez Távora. JT dpf 1924.05.10, p. 16.

¹⁴ CORREA, Anna Maria Martinez. *A Rebelião de 1924 em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1967, p. 55.

ânimo ao movimento. Contudo, a partir desse fato, podemos notar o quanto Isidoro era centralizador enquanto exercia o comando. Isso também foi refletido, por exemplo, nos índices da participação civil que era estimulada por Miguel Costa e Joaquim Távora, mas inibida pelo general, nos dando indícios das concepções distintas do caráter político do movimento.

Com a adoção da tática de guerrilha e a idade avançada de Isidoro, este fica na Argentina como chefe supremo, mas bastante ciente do seu real poder de comando:

(...) eu não nomeio mais ninguém, nem transfiro, nem demitto, assim como não assigno mais boletins, nem ordens de movimento ou operações. Resolvi, de mesmo modo, não intervir mais em materia de Intendencia, serviço de saúde, etc. (...) Aqui, tanto individuos como tropas têm plena liberdade de fazer o que bem entenderem e assim se está fazendo (...).
É por isto e dezenas de outros factos que resolvi não deliberar mais deixando que cada um faça o que bem entender. (...) Esta minha indecisão que revelasse claramente a inaptidão para o commando, nos obrigaram a [ilegível] a qualquer, na qual nos vamos arrastando e desintegrando. Minha falta de aptidão technica para o Commando [ilegível] o seguinte facto: eu até agora não entendi nada do que está fazendo de Joaquim Távora até aqui!¹⁵

Na carta acima Isidoro se mostra amargurado com a multifacetação do comando do movimento, que escapa de seu controle e em sua argumentação, aponta sua indecisão como característica de sua clara inaptidão técnica para o comando. Ao afirmar que nada entendeu do que estavam se fazendo de Porto Joaquim Távora até o momento, outubro de 1924, demonstra seu desconforto com a movimentação e fragmentação das tropas. Na carta a seguir essa posição se confirma e se justifica por encarar a fragmentação de tropas como fraqueza do movimento:

Soubemos logo que de Uruguayana a (ilegível) reina o cahos, cada cap., cada tenente e cada paisano agindo por conta propria. Resultado: Honorio de Lemos completamente derrotado, ignorando (ilegível) Juarez; Orestes em B. Ayres, tendo ele mesmo se nomeado governador civil de Uruguayana por algumas horas (...) Siqueira Campos, comte. das forças 440 homens que ha já uns 10 dias, fazem asneiras em Itaguy, completamente disfarçado, perdendo armamento e já emigrado, podendo, entretanto voltar (...) As novas tropas (ilegível) (Sanborja e S. Luiz) ascendiam a mais de 1000 homens do exército e civis. Prestes (...) era o chefe natural mas chegou Siqueira Campos, (ilegível), assumindo espontaneamente o Commando e escauzashando tudo. Cada capitão e cada tenente commandava uma fracção que agia dispersivamente, fracos assim, em toda a parte. Com a derrota de Siqueira Campos, o Prestes, sempre incansável, reuniu a direcção e de accordo

¹⁵ Carta de Isidoro Dias Lopes para Alfredo de Simas Enéas. 7 de outubro de 1924. Arquivo Público do Estado de São Paulo, conjunto documental Cartas da Revolução de 1924, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

conosco vai concentrar todos os elementos (ilegível) (uns 800 homens) em frente que já escolhemos. (...)Repito: um cahos. (...)¹⁶

Até que, por fim, em abril de 1925, Isidoro a caminho da Argentina, ao mesmo tempo em que os grupos paulista e gaúcho estavam se unindo, dá liberdade de ação aos líderes que dariam continuidade ao movimento a partir daquele momento, muito embora estes líderes já estivessem agindo sem o aval formal do general:

Srs. Generaes Padilha, Miguel Costa, Coroneis Estillac e Prestes

Vós e as tropas que commandais tendes cumprido, valentes e imperterritamente os vossos deveres cívicos e patrióticos. Os revezes que acabamos de soffrer não vos devem fazer corar e sim encher-vos de orgulho, pois há já seis mezes que, semínus, descalços e sem recursos bellicos sufficientes, em numero de mil e tantos homens, enfrentais com stoicismo, as poderosas forças bernardistas, sendo que o ultimo de vós, com as tropas do Sul, fez uma marcha epica, depois de haver rompido um cerco de uns dez mil inimigos, com pouco mais de mil revolucionarios.

Assim, os soldados e chefes da Divisão "S. Paulo" e da Columna do Sul Rio Grandense, bem mereceram da Republica e da Patria eu tenho pela maior honra e gloria de vos haver commandado e nada mais posso nem devo exigir de vós, a quem dou completa liberdade de acção, acatando a deliberação que a situação actual vos obrigue a tomar. Com a maior admiração pelos sacrificios que abnegamente fizestes e com a amizade e a gratidão que não posso medir, abraço-vos fraternalmente, asigno com o posto que me destes.

Marechal Isidoro Dias Lopes. ¹⁷

Descrente da continuidade do movimento organizado da maneira em que estava - adepto da guerra de movimento, seguindo em flancos e com comando coletivo -, Isidoro segue para a Argentina com o intuito de lá ajudar no que fosse necessário, contudo, dentre suas preocupações estava preparar condições para uma futura migração caso houvesse derrota ou desistência da marcha.¹⁸

Em fins de 1923, a disputa presidencialista no Rio Grande do Sul assumiu outra dimensão por se vincular à questão estadual, uma vez que a vitória de Arthur Bernardes garantiu o apoio do governo federal às oposições gaúchas. Em contraposição a

¹⁶ Carta de Isidoro Dias Lopes para Alfredo de Simas Enéas. Santo Tomé, 14 de novembro de 1924. Arquivo Público do Estado de São Paulo, conjunto documental Cartas da Revolução de 1924, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

¹⁷ Carta de Isidoro Dias Lopes para Bernardo de Araujo Padilha, Miguel Costa, Estillac Leal e Luiz Carlos Prestes de 3 de abril de 1925. CPDOC, Fundo Juarez Távora. JT dpf 1924.05.10, p. 64-66.

¹⁸ Carta de Isidoro Dias Lopes para Alfredo de Simas Enéas. Sem local nem data, documento nº 96. Arquivo Público do Estado de São Paulo, conjunto documental Cartas da Revolução de 1924, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

candidatura de Borges de Medeiros, Assis Brasil representava os antigos democratas, federalistas e a dissidência republicana, descontentes com a política agrária praticada.¹⁹

Em 17 de janeiro de 1923 a comissão de apuração das eleições estadual, constituída pelos deputados Getúlio Vargas, Ariosto Pinto e José de Vasconcelos Pinto, declarou a vitória de Medeiros com 106.360 votos, contra 32.216 de Assis Brasil.

A reeleição foi fortemente contestada pela oposição, que a acusava ser fraudulenta. Assis Brasil solicitou então a criação de um tribunal arbitral, mas Borges de Medeiros condicionou sua aceitação a que o arbitramento tivesse como desempatador o presidente recém eleito Arthur Bernardes, que recusou de prontidão em se envolver no caso. A partir disso, a oposição, liderada por Brasil, iniciou um movimento armado contra o governo gaúcho com a intenção de depor Borges de Medeiros ou provocar a intervenção federal, que ocorreu em 25 de janeiro de 1923. Neste movimento destacaram-se alguns caudilhos como Zeca Neto, Leonel Rocha e Honório Lemes, que auxiliaram mais tarde a Coluna Miguel Costa-Prestes.

Em outubro de 1923, o general Fernando Setembrino de Carvalho, então ministro da Guerra, recebeu a função de mediar a pacificação. Por fim, Assis Brasil aceitou a proposta apresentada pelo governo federal, e em 14 de dezembro do mesmo ano foi assinado o Tratado de Pedras Altas, que colocava fim as reeleições, o voto aberto e a nomeação dos vice-presidentes e vice-intendentes municipais no Rio Grande do Sul.

Em janeiro de 1924, as oposições gaúchas se uniram e formaram a Aliança Libertadora, sob a liderança de Assis Brasil, que tinha como objetivo a luta pela liberdade política e o combate à situação dominante no Rio Grande do Sul, uma vez que o Pacto de Pedras Altas não conseguiu pôr fim à crise no estado, e os oposicionistas continuaram a ser perseguidos por Borges de Medeiros. Com a eclosão das revoltas tenentistas do mesmo ano, há uma aproximação entre os dois movimentos, sendo, Assis

¹⁹ MOREIRA, Regina da Luz. "Revolução Gaúcha de 1923" in <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLU%C3%87%C3%83O%20GA%C3%9ACHA%20DE%201923.pdf> Acesso em 14/10/2015.

Brasil nomeado pelos "tenentes" como "chefe civil" da revolução, mesmo não tendo ele participado do planejamento do movimento²⁰.

(...) Manifesto claro do Dr. Assis que, chefe da Aliança Libertadora e com os amplísimos poderes que eu lhe trazia da Divisão "S. Paulo" - assumiria a direcção política, administrativa, financeira e mesmo militar, era directivas quando revolução. Para isto elle, com outros membros a sua escolha, constituiria a junta governativa, se no Brasil, um Comite Central ser no estrangeiro. Escolheria, do mesmo modo, os auxiliares necessários, tendo tambem, ao seu lado, uns dois officiais do exercito de cara competência profissional e de grande dedicação - technicas esses que eu forneceria porque os tenho. (...) Há já mais de um mez que me lento por isto, tudo percorrido todas as fronteiras, Montevideo e B. Ayres, conferencias e escrevendo aos amigos, principalmente ao Dr. Assis Brasil com quem fallei e a quem escrevi duas cartas, sendo a ultima um verdadeiro ultimatum, para que falasse. Compreende-se-o governo explora o facto da revolução não ter orientação e direcção políticas, de mesmo modo que amigos nossos estão indecisos pela falta da palavra do Dr. Assis. (...) Levei mezes dizendo e escrevendo que eu, de nome obscuro e humilde no exercito e de nome apagado e desconhecido do mundo civil, não poderia impor a revolução no conceito nacional. Isto não é, de minha parte, falsa modéstia ou modéstia real; a observação dos factos as exhições que encontrei e os prejuisos que temos tido provam que são precisos nomes de repercussão, embora sejam medalhões... Finalmente - o Dr. Assis se resolveu a fallar mas... já muito tarde. Hoje ou amanhã será lida na Camara, pelo Dr. Luzardo, uma carta de Dr. Assis, que é um elevadíssimo documento, digno da nossa causa. (...) ²¹

A carta acima, de Isidoro para Prestes, aponta a importância de se ter o nome de Assis Brasil como líder civil por conta de seu prestígio político, que atrairia mais pessoas para o movimento. O deputado Batista Luzardo, também integrante da Aliança Libertadora e apoiador dos movimentos tenentistas, foi uma figura de grande importância para noticiar a marcha, uma vez que suas falas eram comentadas em jornais. Segue trecho da carta em questão:

(...) A allegação do Convenio de Pedras Altas seria dolorosamente irrisória: as obrigações contrahidas por esse documento eram reciprocas; nós nos conformariamos com o resto do periodo da usurpação, mediante o cumprimento das clausulas expressas, garantidoras da vida e da liberdade, acceitas pelo usurpdor e afiançadas pelo Governo Federal, alé, do penhor especial, calorosamente offerecido pelo Ministro da Guerra, da sua honra governamental, militar e pessoal. Ora, é sabido como essas promessas foram cumpridas. Já para a eleição federal, tivemos apenas meias garantias, e sómente nos últimos dias do período da lueta eleitoral, como deixei expresso em mais de um documento publico. Terminada a breve visita do ministro, começou a orgia brutal que impossibilitou em quasi todos os municípios a expressão da opinião oppositora, com os mais repugnantes attentados á

²⁰ ABREU, Alzira Alves de; BELOCH, Israel (Coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em [http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BRASIL,%20Assis%20\(emb.\).pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BRASIL,%20Assis%20(emb.).pdf) Acesso em 14/04/2016.

²¹ Carta de Isidoro Dias Lopes para Luiz Carlos Prestes. 23 de dezembro de 1924, pertencente ao CPDOC, Fundo Juarez Távora. JT dpf 1924.05.10, p. 21-23.

dignidade humana, á liberdade e á vida. O usurpador rompeu o pacto. Era obrigação do fiador intervir para o obrigar a respeitar as obrigações que acceitára. Dispensó-me de gastar palavras para descrever o modo por que procedeu o Governo Federal. Basta lembrar que muitos dos chefes libertadores tiveram de buscar na emigração a segurança que lhes era negada na Patria. Foi essa também a minha sorte, a que obedeci com reluctancia e a instancias repetidas e insistentes dos nossos amigos de maior responsabilidade.

Era essa a situação no Rio Grande do Sul quando explodiu o levante militar de São Paulo. Nada tínhamos com elle, nem fomos ouvidos sobre os antecedentes ou os fins dessa sublevação. Por isso, a opinião libertadora sul-rio-grandense permaneceu em attitude de mera especção, tendo mesmo alguns dos nossos amigos influentes offerecido os seus serviços ao Governo Federal para o sustentarem no caso de se tratar de um pronunciamento militar commum, destinado apenas a derrubar a autoridade, substituindo-lhe uma dictadura militar. Consultado pela bancada, declarei lealmente a escassez das minhas informações sobre o merito do levante paulista e a confiança em que, ella, Bancada, mediante as suas luzes, patriotismo e mais immediato conhecimento das circumstancias, saberia adoptar a melhor attitude. Esse modo de pensar e proceder poderia estabelecer a duvida e a indecisão sobre todas as cousas, menos sobre uma - e é que, em quaesquer circumstancias, o fim supremo, a suprema razão de ser da Alliança Libertadora, seria sempre a libertação do Rio Grande do Sul da tyrannia roseana que nos esmaga e envergonha. Si pois, a revolução iniciada em S. Paulo assumisse character civil e se associasse ao nosso ideal, como poderíamos decentemente repelil-a, ainda mais si se desse a agravante evidente do Governo Federal prestar mão forte ao nosso oppressor, acceitando a sua ignominiosa adhesão e fazendo causa commum com elle? Como poderíamos honestamente repudiar o auxilio que nos offerecessem os elementos que no próprio Estado do Rio Grande do Sul se levantassem como repercussão do facto paulista, offerecendo-nos a sua solidariedade na obra de redempção que a fatalidade tornou condição inseparável da nossa vida moral e material?

(...) como chefe da Alliança Libertadora e como simples cultor do regimem democrático, eu não posso deixar de applaudir tudo quanto puder levar-me á libertação. Por outro lado, tenho por certo que ninguém me faria sériamente a injuria de suppor-me capaz de apoiar um simples pronunciamento militar, si não tivesse garantias positivas de que os militares nelle envolvidos não aspiram á dictadura militar, mas querem apenas a extirpação dos abusos e da corrupção em que se vêm afundando aos olhos de todos e com o reconhecimento de todos, - as instituições e a Patria. (...)²²

Nos escritos de Assis Brasil podemos notar que sua adesão ao movimento ocorreu a partir de um descontentamento na política estadual, o não cumprimento do Tratado de Pedras Altas, e após a verificação da finalidade da revolta eclodida em São Paulo, que segundo ele não poderia ser a substituição da presidência por uma ditadura militar. Simpático às ideias de liberdade, Assis cede às pressões de Isidoro para ser lançado como liderança simbólica do movimento tenentista, tendo em vista sua experiência na política brasileira, que poderia angariar mais adeptos e silenciar os

²² Carta de Assis Brasil para Baptista Luzardo. Berachi, 15 de dezembro de 1924. Annaes da Camara dos Deputados. Sessão em 29 de dezembro de 1924, p. 450-453. Disponível online em http://imagem.camara.gov.br/dc_20b.asp?selCodColecaoCsv=A&Datain=29/12/1924 Acesso em 27 de maio de 2016.

discursos deslegitimadores que questionavam o teor militar e a liderança pouco conhecida do movimento.

Conclusão

A Coluna Miguel Costa-Preste se constituiu a partir das colunas formadas com os movimentos tenentistas ocorridos nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul em fins de 1924. A partir deste encontro, ficou de maneira simbólica na liderança suprema do movimento o general Isidoro Dias Lopes, já que este se exilou na Argentina devido à sua idade avançada.

Em razão de questionamentos deslegitimadores do movimento, Isidoro buscou na figura de Assis Brasil apoio civil e político. Embora tenha se declarado líder civil do movimento, Assis pouco contribuiu para o desenrolar da marcha. O comando real, como vimos, era construído sob a liderança de Miguel Costa e Luiz Carlos Prestes de maneira coletiva e fragmentária, uma vez que a Coluna se organizava em flancos e em grupos de potreadas. Essa formatação, que foi construída a partir da tentativa de resolução de divergências que foram surgindo nos primeiros momentos de interação entre os grupos advindos de São Paulo e Rio Grande do Sul, era adequada, para além da construção do comando coletivo, da estratégia de guerra de movimento, escolhas que desagradaram militares mais conservadores, e que, conseqüentemente, se afastaram da Coluna.

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de; BELOCH, Israel (Coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. Disponível em [http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BRASIL,%20Assis%20\(emb.\).pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BRASIL,%20Assis%20(emb.).pdf) Acesso em 14/04/2016.

BASTOS, Abguar. *Prestes e a revolução social*. São Paulo: Hucitec, 1986.

CORREA, Anna Maria Martinez. *A Rebelião de 1924 em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1967.

DRUMMOND, José Augusto. *O Movimento Tenentista: a intervenção política dos oficiais jovens (1922-1935)*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

LIMA, Moreira Lourenço. *A Coluna Prestes: marchas e combates*. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1979.

MOREIRA, Regina da Luz. "Revolução Gaúcha de 1923" in <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLU%C3%87%C3%83O%20GA%C3%9ACHA%20DE%201923.pdf>
Acesso em 14/10/2015.

REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas: memórias*. Vol. 1 - Da planície à borda do altiplano. Rio de Janeiro: Editora do Exército, 1973.

Fontes

Arquivo Público do Estado de São Paulo, conjunto documental Cartas da Revolução de 1924, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo:

- Carta de Isidoro Dias Lopes para Alfredo de Simas Enéas. 7 de outubro de 1924.
- Carta de Isidoro Dias Lopes para Alfredo de Simas Enéas. Santo Tomé, 14 de novembro de 1924.
- Carta de Isidoro Dias Lopes para Alfredo de Simas Enéas. Sem local nem data, documento nº 96.
- Telegrama de Henrique Ricardo Holl para Alfredo de Simas Enéas, 30 de março de 1925.

Carta de Assis Brasil para Baptista Luzardo. Berachi, 15 de dezembro de 1924. *Annaes da Camara dos Deputados*. Sessão em 29 de dezembro de 1924, p. 450-453. Disponível online em http://imagem.camara.gov.br/dc_20b.asp?selCodColecaoCsv=A&Datain=29/12/1924
Acesso em 27 de maio de 2016.

Centro de Documentação e Memória da UNESP. Boletim nº 1. Santa Helena, 14 de abril de 1925.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV) - Fundo Juarez Távora (JT dpf 1924.05.10):

- Carta de Isidoro Dias Lopes para Luiz Carlos Prestes. 23 de dezembro de 1924.

- Carta de Isidoro Dias Lopes para Bernardo de Araujo Padilha, Miguel Costa, Estillac Leal e Luiz Carlos Prestes de 3 de abril de 1925.
- Carta de Miguel Costa para Baptista Luzardo. Fazenda "São Romão" (Estrada de Mato Grosso), 2 de junho de 1925.
- Ordem do Dia nº 17 assinada por general João Francisco de 3 de outubro de 1924.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV) - Fundo Sady Vale Machado:

- Bilhete de João Alberto Lins de Barros para Luiz Carlos Prestes. (SVM/00.00.1924/1927/21)